

Economista liberal aposta na ortodoxia

Flora Holzman

* 6 NOV 1991

Rio de Janeiro — O governo deverá resistir à tentação de aplicar um novo choque ou reindexar a economia, embora a curva inflacionária deva manter uma tendência ascendente, pelo menos nos próximos meses, até que o País comece a reagir apresentando sinais positivos. A avaliação é praticamente um consenso, na opinião de diversos economistas que integram o corpo docente da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, um dos principais focos do pensamento liberal no Brasil.

Sob esta ótica, vários ex-ministros da Fazenda, Planejamento, ou ainda ex-presidentes do Banco Central, acreditam que a alta dos preços é apenas um efeito colateral da estratégia ortodoxa e liberalizante que o governo adotou desde a posse do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

O tratamento, dizem, tem um sabor amargo que recorda as sugestões ou recomendações do Fundo Monetário Internacional (FMI), para pacientes terminais. Mas passa ao largo dos choques — terapia em desuso —, principalmente heterodoxos, ou que incluam o congelamento de preços e política salarial.

O objetivo, contudo, de obter o reaquecimento da economia e prepará-la para um crescimento auto-sustentado até o final do próximo ano, quando a inflação já deverá estar debelada. As dificuldades, porém, são de ordem política, até porque ninguém se arrisca a apostar que o presidente Fernando Collor e sua equipe econômica conseguirão suportar as pressões durante mais um ano de transição.

O aspecto monetário provocado pela alta dos juros, por exemplo, deveria promover a eventual desova de estoque e, em alguns casos, a antecipação do fechamento dos contratos de exportação, conforme confirmaram as expectativas dos integrantes da atual equipe.

Isto, no entanto, não ocorreu até agora porque esta época do ano não é favorável às exportações (entre outros motivos, porque a safra agrícola de inverno ficou prejudicada pela falta de recursos) e, além disso, porque os empresários e os economistas acreditam que o câmbio ainda está represado e apostam em uma nova desvalorização.

Taxas cambiais

De qualquer forma, estimam economistas do cacife de Carlos Langoni — ex-presidente do Banco Central — ou Paulo Nogueira Bap-

tista Júnior — que assessorou o ex-ministro Dilson Funaro na questão da dívida externa —, o governo já deu todos os indícios de que pretende unificar as taxas cambiais e adotar um regime realista de câmbio flutuante que, provavelmente, virá acompanhado de uma nova “midi”.

No contexto de um aperto monetário, agravado pela eventual aprovação da reforma fiscal, mesmo que temporária, a política de realismo cambial teria efeitos positivos sobre as reservas do País (em decorrência da recuperação da balança comercial) e viabilizaria uma pequena retomada do nível de atividade, possibilitando inclusive a assinatura de um acordo com o FMI já no início do próximo ano, afirmam os economistas liberais.

A questão mais imediata, contudo, é a falta de apoio político para dar sustentação ao programa no decorrer dos últimos meses do ano, ou até que o País consiga recuperar as linhas de financiamento externo que viabilizariam a redução dos juros internos.

Neste período, comentam os especialistas, a equipe do ministro Marcílio terá que encastelar-se de modo a resistir a pressões de políticos, empresários e trabalhadores

que demandam a reindexação, e a assistir, praticamente imóvel, a escalada dos preços que só poderá ser controlada via abertura das importações e redução de alíquotas.

Um eventual recuo nesta etapa do programa implica em novos riscos de hiperinflação, mesmo que esta venha a ser camuflada pela reintrodução de mecanismos de correção automática de preços e salários pela inflação passada, alertam os liberais.

É justamente por este motivo que, segundo os economistas, o ministro Marcílio descarta enfaticamente qualquer possibilidade de um novo choque.

Um dos fundamentos do tratamento liberal aplicado no doente, reiteram, é a recuperação da credibilidade e a não-adoção de novos mecanismos de choque que poderiam mascarar os resultados. A persistência da equipe de manter o ajuste a qualquer preço durante os próximos dois meses deverá, como afirma o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, criar condições para a implosão da inflação em uma segunda etapa pois a questão crucial agora é resgatar a credibilidade dos mecanismos de política econômica e na própria equipe de governo.

Con. Brasil
JORNAL DE BRASILIA